

Reflexão do feminismo com Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana que deixa o seu contributo na sociedade por divulgar publicamente as suas crenças e ensinamentos sobre o feminismo. Neste livro, a sua intenção é ajudar uma amiga, recentemente mãe, a educar a sua filha como feminista ao partilhar alguns conselhos e sugestões através de uma carta.

O poder deste livro assenta na sinceridade e simplicidade como as suas ideias são explicadas, expondo com exemplos práticos as suas crenças. Sem recurso a muitos termos técnicos nem palavras complexas que possam quebrar o raciocínio do leitor, Chimamanda consegue transmitir com clareza o que é o feminismo e como podemos ensiná-lo não só aos mais novos, como aos mais velhos.

O feminismo define – se como um conjunto de movimentos que luta pela igualdade de sexo nas suas mais diversas faces: movimentos políticos, sociais, económicos. Pretende que não haja discriminação por características que são geneticamente definidas, que não exista ideias pré-concebidas do que deve ser atribuído a raparigas e rapazes, que existam oportunidades iguais e respeito pelas mesmas.

Ao longo do texto podemos refletir sobre diversos aspetos que estão intimamente ligados à crença social da desigualdade da mulher na sociedade, seja esta menor ou maior. Começando pela primeira sugestão, Chimamanda refere “sê uma pessoa inteira”. Quando uma mulher é mãe, o esperado é que ela seja dominante nas responsabilidades atribuídas à parentalidade. Espera-se que faça sacrifícios e esforços, não iguais aos homens, mas maiores. Embora haja diferenças culturais, ainda persiste a ideia de que a mulher deve ser aquela a abdicar dos seus sonhos primeiramente para o bem-estar da criança: que deve ficar com ela em casa, que deve trabalhar menos, que deve deixar de ser quem é para ser “mãe”. Uma mulher é um todo, não apenas um destacado das suas partes.

A segunda sugestão remete para que sejam “pais juntos”. A ideia pré-concebida de que a mulher é a mais responsável pela criança permite a desresponsabilização dos homens. É importante lembrar que o cuidado da criança deve ser uma ação partilhada para o bem físico e emocional da mesma. Uma criança é concebida por duas pessoas, e quando ocorre a decisão mútua de a ter, a sua educação deve ser dada por ambos.

A distribuição dos papéis consoante o sexo também é abordada nestes conselhos. A maneira como educamos as crianças pode ser influenciada por diversas ações: pela maneira de falar, pelos brinquedos que usam e pela maneira como vivemos, uma vez que as crianças conseguem absorver mais informação pela visão do que pela audição. A maneira de justificar a educação a ser dada não deve ser consoante as nossas características físicas, como o clássico “porque és menina”, mas sim pela vontade de educar uma pessoa independente e autónoma na sua vida. Porquê justificar o ter de limpar a casa “porque és menina” e não “porque um dia vais ter a tua casa e deves mantê-la limpa”? Curioso...

A perpetuação desta ideia continua durante a vida toda de uma mulher. Chimamanda dá-nos o exemplo do casamento. Desde jovens existe a obrigação das meninas saberem as lides da casa, terem uma postura bem-comportada e de terem uma figura elegante. Contudo, a justificação para estes aspetos não é a obtenção de sucesso meramente pessoal, mas sim serem “bons partidos” para os seus futuros companheiros. Recordo-me de ser jovem, por volta dos 14 anos, e não saber cozinhar. Uma das primeiras reações da minha avó foi dizer que tinha de aprender “porque senão não arranjas marido”. Questiono-me se o valor de uma mulher estará apenas nas suas capacidades culinárias e não nos seus valores e princípios.

A personalidade é moldada pelo ambiente que nos rodeia, portanto o que fazemos tem impacto no mundo à nossa volta. Quando negamos a oportunidade de uma pessoa expressar a sua verdade, negamos ao mundo a oportunidade de conhecer uma pessoa única. Por exemplo, quando distribuímos os brinquedos por sexo dando uma boneca a uma menina e um avião a um menino, quem nos garante que não estamos a destruir uma futura engenheira ou um futuro estilista? Estas ações simples têm um impacto mais profundo do que apenas escolher um brinquedo, elas representam a ideia instalada do que deve ou não ser feito, do que é ou não “correto” consoante o sexo da criança.

A sexualidade apresenta-se como um aspeto importante também a ser mencionado. Desde o crescimento e desenvolvimento da mulher à sua vontade de exprimir vontade sexual existe um tabu e contradição constante na liberdade de expressão da mulher. A sexualização desta começa quando ainda é menor, desde os casamentos infantis aos assobios de um carro passageiro ou de uma mesa de café numa esplanada. Quando uma rapariga chega a adolescente, ela já sabe o que deve ou não usar, por onde deve ou não

passar e quando o fazer. Isto ocorre porque a implementação do medo foi realizada através da percepção de que, desde que sejas mulher, és frágil, vulnerável e facilmente submissa. Aquando da chegada à idade adulta, a mulher deve ser boazinha, bem-educada e bem-vestida porque quem se veste inapropriadamente são as mulheres que fazem tudo por dinheiro e a expressão de fúria ou indignação são sinais de mulher “mal-amada”. Porque uma mulher expressar vontade sexual é tido como uma pessoa que não teve educação ou que apenas se quer mostrar aos outros. Talvez seja altura de perceber que o organismo feminino possui as mesmas características que o masculino e que possui o mesmo direito de se expressar, seja em que aspeto for.

A mulher é um ser infinito, um ser belo e um ser único. O homem é um ser infinito, um ser belo e um ser único. Eduquemos as nossas crianças a respeitar todos por igual, eduquemos os nossos adultos a não fazer julgamentos de valor e a dar oportunidades iguais. Criemos um mundo onde possamos ser verdadeiros, sem restrições e possamos expressar a nossa liberdade.